

BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO VIVO QUE ECOA AS HISTÓRIAS DO MUNDO

Luana Martins Maciel ¹
Lorena Maia Rezende ²

RESUMO

Uma pesquisa realizada entre 2019 e 2020 pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Itaú Cultural intitulada “Retratos da Leitura no Brasil” trouxe um resultado muito preocupante: entre os anos de 2015 e 2019, o Brasil perdeu 4,6 milhões de leitores e aqueles que têm o hábito da leitura leem 4,2% livros inteiros por ano. Portanto, nasce uma reflexão pertinente: a chave para aumentar o quantitativo de leitores seria cultivar esse hábito desde a infância, ou seja, através das bibliotecas escolares e, conseqüentemente, gerando acesso aos livros. As bibliotecas escolares são uma forma de democratizar a literatura, cabe entender que estas não são simples espaços, e que a leitura não é apenas um processo de decodificar signos linguísticos, e sim ferramentas potentes que transformam vidas; além de serem elementos de construção do pensamento social, pois por meio delas é possível gerar uma análise crítica da realidade e o enfrentamento das transformações em um universo marcado por disparidades através da leitura e do diálogo. Diante disso, objetiva-se com esse trabalho expor que a escola e sua biblioteca são um dos principais agentes contributivos para a criação de novos leitores. Já que, é através da leitura das histórias do mundo, e das reflexões obtidas, que nasce não apenas um novo olhar perante a realidade como também uma nova postura cidadã, emancipatória e questionadora. Metodologicamente esse trabalho será guiado pela pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória sobre a Pedagogia da Autonomia em Freire (2022); A função da literatura na escola em Macedo (2020); Educação e Emancipação em Adorno (2020). Por fim, é através da literatura que ocorre o processo de humanização e reconhecimento da realidade vivida e são elas as pontes para uma sociedade transformadora e emancipadora.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar; Literatura; Criticidade; Educação Emancipatória; Vozes do Mundo.

1. INTRODUÇÃO

“O mundo está cheio de livros fantásticos
que ninguém lê.”
Umberto Eco

O livro “O nome da rosa” de Eco (2022), ambientando em um monastério fictício do século XIV na Itália, mostra de uma maneira muito simples, mas ao mesmo tempo com grande profundidade e suspense que os homens que realizavam o ofício de tradutores e

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Espanhol do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - DF, luana.maciell@estudante.ifb.edu.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Espanhol do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - DF, lorena61368@estudante.ifb.edu.br;



transcritores dos livros tinham um enorme prestígio dentro desse local. Uma vez que, eram detentores de habilidades restritas apenas para uma pequena parcela da população, como a alfabetização, escrita, conhecimento de línguas estrangeiras e principalmente, acesso ao conhecimento e histórias do mundo que ficavam resguardados em um local praticamente sagrado: as bibliotecas. Assim, através de uma trama recheada de mistério, Eco deixa uma incrível lição para seus leitores: conhecimento é uma das maiores armas que um ser humano pode ter. No entanto, é apenas com o surgimento da prensa de Gutenberg em 1455, tecnologia que proporcionou a impressão de livros em grande escala, que o conhecimento advindo através das leituras saiu do restrito círculo há séculos já estabelecido: homens e religiosos.

Na atualidade, uma pesquisa realizada entre 2019 e 2020 pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Itaú Cultural intitulada “Retratos da Leitura no Brasil” trouxe um resultado muito preocupante: entre os anos de 2015 e 2019, o Brasil perdeu 4,6 milhões de leitores e aqueles que têm o hábito da leitura leem 4,2% livros inteiros por ano. Portanto, nasce uma reflexão pertinente: a chave para aumentar o quantitativo de leitores seria cultivar esse hábito desde a infância, ou seja, através das bibliotecas escolares e, conseqüentemente, gerando acesso aos livros. As bibliotecas escolares são uma forma de democratizar a literatura, cabe entender que estas não são simples espaços, e que a leitura não é apenas um processo de decodificar signos linguísticos, e sim ferramentas potentes que transformam vidas; além de serem elementos de construção do pensamento social, pois por meio delas é possível gerar uma análise crítica da realidade e o enfrentamento das transformações em um universo marcado por disparidades através da leitura da realidade e do diálogo.

Diante disso, objetiva-se com esse trabalho expor que a escola e sua biblioteca são um dos principais agentes contributivos para a criação de novos leitores. É nesse viés que surge a necessidade do desenvolvimento desse trabalho, porque ao observar a sociedade brasileira é possível perceber que a leitura, livros e acesso a bibliotecas públicas de qualidade ainda são realidades distantes de grande parte da sociedade brasileira. Assim, o presente relato de experiência nasce através de uma inquietação das autoras e da recebida de alguns não, ou seja, foram submetidas no ano de 2025 duas propostas de clubes de leitura sendo primeiro “*Librería Circular*”, para o *Projeto de Intervenção Pesquisa-Ação (PIPA)*, oferecido pelo Instituto Federal de Brasília, e o segundo “*Biblioteca Viva: língua, leitura e vozes do mundo*”, para o Concurso *VIVALEITURA*, uma iniciativa do Ministério da Cultura e do Ministério da Educação.

Tais projetos tinham como objetivo fortalecer o pensamento crítico, diálogo e expansão da visão sobre as realidades do mundo tendo a biblioteca escolar como esse espaço



vivo que ecoaria as histórias do mundo e proporciona debates sobre as histórias lidas. Porém, as submissões não foram aceitas, por isso ter a oportunidade de começar um diálogo aqui no Enlic Sul, é tão imprescindível: a biblioteca escolar não é um simples espaço, e a leitura não é apenas um processo de decodificar signos linguísticos; são ferramentas potentes que transformam vidas, e que por tal, merecem seu devido reconhecimento e uso adequado. Por fim, é através da literatura que ocorre o processo de humanização e reconhecimento da realidade vivida e são elas as pontes para uma sociedade transformadora e emancipadora.

2. METODOLOGIA

Metodologicamente esse trabalho foi guiado pela pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Literatura

“La literatura es atractiva (...) ya que captura su imaginación y toca su corazón.”
(Castillo, 2013)

A literatura é amplamente definida por Cândido (1995, p. 242) como sendo “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.” Assim, sua função segundo Adorno (2025, p.14), é gerar uma experiência formadora, ou seja, cabe ao leitor abrir-se à experiência do objeto focalizado, experimentá-lo para tornar-se por essa via experiente, e por isso, autônomo.

À vista disso, além de contribuir para a ampliação das formas de conceber a vida e o universo, a literatura incide sobre algo que nos constitui, a diversidade humana, suas distintas maneiras de ser, contribuindo assim para nos enxergarmos na diversidade, em nossas diferentes formas de humanidade (Macedo, 2021, p. 47). Hoje, séculos após a prensa de Gutenberg é possível falar de textos escritos que contam a história de povos que viveram há séculos, no entanto houve um tempo histórico em que a única forma de recordar e passar



ensinamentos era fazendo uso da oralidade. À vista disso, contar histórias é uma forma natural e milenar de envolver as crianças na aprendizagem de conteúdos acadêmicos e em processos socioemocionais (Castillo, 2013, p.1).

Para além do entretenimento, uso extremamente válido, a literatura serve também para despertar a curiosidade, conhecer novas realidades e ajudar a desenvolver habilidades de resolução de problemas por meio da criatividade e imaginação. Um ponto importante que é válido mencionar diz sobre as capacidades subjetivas e socioculturais:

“Al leer cada página también hacemos conexiones con nuestras propias experiencias. Con los libros podemos ir a lugares imaginarios que nos motivan a querer descubrir otros entornos. Podemos conocer mejor nuestra cultura y las de otras personas alrededor del mundo” (Castillo, 2013, p.1)

Por conseguinte, através das experiências advindas das leituras é possível sair da condição da minoridade, condição esta explicado por Kant (1985, p.1) em um dos seus textos mais emblemático que afirma: “Esclarecimento (*Aufklärung*) significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável.” e ao refletir sobre essa frase no contexto da literatura é possível perceber que a literatura serve como um potente instrumento que irá construir seres autônomos como citou Adorno e *aufklärung*, conforme Kant. Por esse viés, entende-se que a educação e a literatura precisam contribuir, portanto, para o processo de formação e emancipação, contribuindo para criar condições em que os indivíduos, socialmente, possam conquistar a autonomia. Visto que, o objetivo da educação, para Adorno, é em suma evitar o retorno da barbárie (Adorno 1995 in Viana, 2005, p 5).

3.2 A Biblioteca como Espaço Vivo que Ecoa as Histórias do Mundo

“A realidade que a literatura aspira compreender é simplesmente, a experiência humana” Tzvetan Todorov (2009)

A fenomenologia desenvolvida por Edmund Husserl (XIX-XX) pode ser entendida como uma vertente que busca refletir sobre um fenômeno específico por uma lógica diferente da usada no período. Dito de outra forma, a metodologia empregada ocorre da seguinte forma: coloca-se o objeto observado, entre parênteses, assim é suspenso todos os conhecimentos prévios já experienciados em busca de um novo olhar perante aquilo que já é tão conhecido. O espaço que será posto entre parênteses aqui será a conceituação da biblioteca. Quando a



palavra biblioteca é utilizada no meio de uma conversa, a representação mental dela aparece quase que instantaneamente na mente das pessoas. É evocado, geralmente, um espaço com estantes repletas de livros e talvez a biblioteca lembrada seja a da época da escola.

À vista disso, apenas a materialidade do ambiente é evocado e não o significado fenomenológico desse espaço, uma vez que “o olhar habitual não nos permite evidenciar o fenômeno em si mesmo.” (De Oliveira *et al*, 2008, p. 255). Esse processo foi nominado por Husserl como *Epoché*, visto que ao desconhecer o conhecido é possível uma mudança de atitude e significado, logo se colocarmos o que conhecemos como biblioteca em parênteses e olha-lá pela primeira vez, o seu sentido é reconstruído e seu significado também. Por conseguinte, ao observar o fenômeno em si, percebemos que ele continua sendo um espaço repleto de estantes e livros, no entanto já não é apenas isso.

A biblioteca, então, passa a ser percebida como um local em que é possível, sem sequer sair do lugar, conhecer e viver novos mundos, novas histórias sejam elas em espaços geográficos reais ou imaginados. Ela torna-se, portanto, “*a cross between an emergency exit, a life raft, and a festival. They are cathedrals of the mind; hospitals of the soul; theme parks of the imagination*” (Moran, 2012, p. 92). Dessa forma, através do exposto é possível compreender a biblioteca como uma heterotopia, isto é, um espaço real que permite a atuação empírica do sujeito, mas que evoca nele um sentimento utópico, mesmo estando vivendo na realidade, porque esse local é significativo e desperta afetividade naquele que o frequenta (Radford; Radford; Lingel, 2015, p. 735). Entende-se, portanto, que a biblioteca não é apenas um simples local mas sim, um portal que leva o leitor a perceber a si e o mundo à sua volta com outro olhar, compreensão e sentimentos.

Agora, em definições concretas a biblioteca foi descrita por Rosa (2018, p. 60) *in* Macedo (2021, p. 60) como sendo o equipamento social que cumpre o papel de conservação do patrimônio cultural, é, portanto, um lugar de preservação de artefatos da cultura escrita, onde se guardam coleções que representam o que se pretende perpetuar na memória coletiva. Uma vez que, o que não é recorrentemente lembrado, é esquecido, por isso, este medo do esquecimento obcecou a sociedades europeias da primeira fase da modernidade, dessa forma

Para dominar a sua inquietação, elas fixaram, por meio da escrita, os traços do passado, a lembrança dos mortos, agora dos vivos e todos os textos que não deveriam desaparecer no espaço aberto da cidade, no refúgio da biblioteca da magnitude do livro e na humildade dos objetos mais simples, a escrita teve por missão. Conjurar contra a fatalidade da perda.



4. . DESENVOLVIMENTO

Nossa inquietação com a forma em que a literatura é vista e transmitida, ou não transmitida, vem de vivências e trabalhos anteriores, talvez até podemos dizer que vem da primeira infância e do nosso primeiro contato com a biblioteca escolar. Em mais uma tentativa de fazer um projeto literário que viabilizasse a importância da leitura na construção social, o que recebemos foi ‘não’. E nesse processo de altos e baixos nos deparamos com diversas realidades antes desconhecidas. À vista disso, muito se diz como a leitura muda o mundo e pouco se faz para a leitura sair do mecanismo memorizador (Freire, 2022). “O intelectual memorizador”, segundo Freire, não consegue fazer nenhuma ligação do texto lido com a realidade que o circunda— mesmo que sua fala e seu intelecto pareçam tão grandes quanto a quantidade de livros que lê.

Enxergar-se como indivíduo, que pertence a um grupo social, em uma sociedade que funciona de determinada forma, e assim por diante, é um ato que se torna visível quando se tem letramento crítico. O ato de conhecer a si mesmo, os arredores de forma abrangente, por meio da leitura do mundo, que se encontra também a partir de obras literárias, e o ato de compartilhar e ouvir o outro, é uma grande ajuda no processo de autoconhecimento, auto construção, e de autonomia mesmo para pessoas menos favorecidas (Petit, 2013 *apud* Rosa, 2018 *in* Macedo, 2021, p. 59). O ato de ler e compreender o que se está lendo, se falamos de uma leitura crítica, não precisa, necessariamente, condizer com a realidade do leitor.

Afinal, essa é uma forma de descobrir o mundo, de enxergar o outro. Sob este viés, nasceu em 1997 o Programa Nacional Biblioteca Escolar (PNBE) que objetivava a distribuição sistemática de *livros de literatura de qualidade* para todas as escolas públicas do Brasil (Nunes; De Melo; Da Silva, 2023, p. 4 grifo nosso). Conforme Nunes, De Melo, Da Silva (2023, p. 4) “ao longo de sua trajetória, o PNBE buscou qualificar os processos de avaliação das obras selecionando acervos que oferecessem experiências significativas com os livros, e com isso, fomentando a formação de leitores literários.”

Dessa forma, através da implementação desse programa um caminho foi construído nesse processo mais abrangente, primeiro, na proximidade, quando se traz textos diversos e mais próximos dos leitores (Macedo, 2021, p. 47), quando há mediação, construção de significado e estratégia de leitura, conforto, autonomia e proximidade de saberes (Petit, 2008 *apud* Machado, 2021, p. 48), afinal, “o efeito de proximidade que o texto literário traz é



produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros” (Cosson, 2007, p. 28).

Portanto, é possível compreender que a escola é um dos principais atores que contribui para o acesso à leitura e no desenvolvimento de leitores, uma vez que por meio do acervo gratuito disponibilizado é possível despertar o interesse e curiosidade ao transformar simples palavras em mundos nunca antes visitados através da heterotopia que a leitura consegue proporcionar. Contudo, infelizmente, com a chegada do Decreto 9.099 de 18 de julho de 2017 ocorre a descontinuidade e retirada de autonomia do PNBE, pois ele passa a ser exercido juntamente com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A comparação entre o PNBE e o PNLD (em sua fatia voltada à literatura) evidenciou que a distribuição de livros pode ser o elemento que se manteve, mas ele em si não se torna suficiente para que o fomento à leitura se realize (Nunes; De Melo; Da Silva, 2023, p. 9).

Pois, como já afirmado por Macedo (2021, p. 48) a mediação entre a obra e o leitor é crucial, posto que não basta formular e implementar políticas que incidem sobre a disponibilidade de livros, é preciso criar processos de formação e de mediação, que possibilita o acesso e a aproximação das obras pelos leitores. Por conseguinte, através da mediação é possível a recomendação de obras que condiz com o perfil de cada leitor, e por ser um veículo de socialização ao ler é possível construir pontes, conexões e novas interpretações para a obra lida por meio do diálogo entre familiares, amigos e até mesmo o bibliotecário.

E neste ponto, entramos em uma discussão muito pertinente, nos deparamos com a realidade da biblioteca escolar: muitas são consideradas apenas sala de leitura. A Lei Nº 14.837, de 8 de abril 2024 que altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, continuou com o conceito de que a biblioteca precisa de um(a) bibliotecário(a), e de um acervo mínimo de obras com base no número de alunos. O que acontece é que não há profissionais de biblioteconomia nessas bibliotecas e sim profissionais da educação remanejados, por motivos diversos que o impeçam de ministrar aulas, cuidando desses espaços. A respeito do acervo: livros muito antigos, poucas obras em boas condições, ou obras que não condizem com as “especificidades da realidade local”, como é citado no art. 2º-A, Inciso III, da nova vigoração de 2024.

E assim, as bibliotecas, ou salas de leitura, mesmo com Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE) vão ficando esquecidas. Porque, ao invisibilizar a atuação do mediador bibliotecário é invisibilizado também a leitura e conseqüentemente os leitores em potencial. No Censo Escolar da Educação Básica do ano de 2025 o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) trouxe diversos dados referentes às



escolas brasileiras. O recorte feito aqui diz respeito ao gráfico 56, presente na página 68 do Resumo Técnico do Censo da Educação Básica 2025, que diz respeito aos recursos relacionados à tecnologia e à infraestrutura disponíveis nas escolas de educação infantil nas dependências brasileiras.

Ao diminuir ainda mais esse recorte, nos deparamos com o percentual de bibliotecas escolares divididos da seguinte maneira: de 24 escolas federais 83,3% têm biblioteca; de 883 escolas estaduais 55,4% têm bibliotecas; de 78889 escolas municipais 36,3% têm bibliotecas; e de 33738 escolas privadas 64,5% possuem biblioteca. Para facilitar o entendimento, a tabela a seguir foi confeccionada:

Tabela 1: Percentual de bibliotecas escolares nas dependências brasileiras

Modalidade	Quantidade de escolas	Porcentagem de escolas que possuem bibliotecas	Número de escolas que possuem bibliotecas	Número de escolas que não possuem bibliotecas
Federal	24	83,3%	20	4
Estadual	883	55,4%	≈ 489	≈ 394
Municipal	78.889	36,3%	≈ 28.637	≈ 50.252
Privada	33.738	64,5%	≈ 21.761	≈ 11.977

Fonte: Tabela adaptada tendo como guia o gráfico elaborado pela Deed/ Inep com base nos dados do Censo Escolar da Educação Básica, 2025.

Percebe-se que dos dados coletados das 113.554 escolas, 62.647 não possuem biblioteca escolar. O número é alarmante. Para suprir essa falta, alguns projetos surgem no mapa, como indicado no livro “O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores”. A pesquisa “Bibliotecas comunitárias no Brasil: impactos na formação de leitores”, presente no livro citado, foi desenvolvida, também, ao redor do Brasil, trazendo dados que apontam que as bibliotecas comunitárias têm o percentual de 85,3% na promoção e/ou formação de leitores. Essas bibliotecas normalmente não partem de incentivos de políticas públicas, mas sim da iniciativa de pessoas que reconhecem as condições de vulnerabilidade daquela comunidade, refletindo movimentos de resistência, além de abordar a exclusão e luta pelo direito à cultura. Esses grupos estão afirmando, portanto, que o acesso às bibliotecas precisa ser acessível a todos (Fernandez; Machado; Rosa, 2018).

5. Considerações Finais: Um convite para o diálogo



No mundo da história, da cultura, da política,
constato não para me adaptar, mas para mudar.
(Paulo Freire)

Através do presente trabalho foi possível compreender que inicialmente, a leitura e o acesso a bibliotecas era de uso quase que exclusivo dos homens e religiosos, pessoas que eram permitidas terem acesso a alfabetização e ao conhecimento literário. No entanto, com a prensa de Gutemberg o que antes era reservado apenas a uma classe passa a ser mais acessível e disseminado com mais facilidade devido a recente tecnologia. Com esse progresso histórico, ao chegar no século XXI esperava-se encontrar sociedades em que a leitura fizesse parte do cotidiano de todos os cidadãos, contudo a realidade encontrada é deprimente: entre os anos de 2015 e 2019, o Brasil perdeu 4,6 milhões de leitores e aqueles que têm o hábito da leitura leem 4,2% livros inteiros por ano.

E por meio deste dado pensamos em utilizar uma estratégia já existente, mas muitas vezes esquecidas e precarizadas, para tentar trazer um saldo positivo para essa equação: bibliotecas escolares/salas de leitura como um recurso pedagógico vital para o desenvolvimento de novos leitores e resgate daqueles que já não cultivam esse hábito. O acesso a livros novos e já utilizados no Brasil é elitizado, podemos até dizer que ler se transformou em privilégio e em artigo de luxo que poucos podem acessar. Assim, esses espaços vêm com a proposta de proporcionar à sociedade acesso a livros de forma gratuita com acomodações para realizar a leitura. Contudo, a construção do acervo também vira uma situação delicada, porque, neles é possível encontrar livros muito antigos, poucas obras em boas condições, ou obras que não condizem com as “especificidades da realidade local”.

A democratização da leitura é um tema que vem sendo discutido, já que a leitura é uma grande ferramenta de acesso à informação, cidadania e educação. Nesse sentido, diversos projetos vêm sendo desenvolvidos, sejam eles por universidades, bibliotecas comunitárias, fundações, e organizações. Um exemplo disso é a Fundação Itaú Social, com projetos como o “Leitura em vez” e o “Programa de Formação de Leitores”, que tem como objetivo principal levar leitura e promoção de letramento crítico para os beneficiários. Esses projetos desenvolvem-se a partir de doações de livros, clubes de leitura, formação de mediadores de leitura, e realização de atividades de incentivo à leitura.

Por conseguinte, uma nova forma de democratização e incentivo à leitura foi anunciada recentemente: o programa MEC Livros- A Biblioteca Digital do Brasil, anunciado oficialmente pelo Ministério da Educação do Brasil em 1º de abril de 2026. É uma plataforma



digital gratuita do Governo do Brasil com cerca de 8 mil livros, que vão de obras de domínio público à best-sellers, tanto nacionais quanto internacionais. Essa política pública foi impulsionada pelo avanço das tecnologias, logo modernizar as bibliotecas levando-as para o meio digital foi uma forma de adequar-se a essa nova realidade. Sendo assim, essa iniciativa do governo federal traz consigo a esperança de que mais pessoas tenham acesso à literatura, já que agora a biblioteca pode ser qualquer lugar. Dessa forma, ao acessar o site da biblioteca digital nos deparamos com os objetivos de democratização da literatura, oferecimento de livros para a contribuição da formação de estudantes e docentes, difusão de patrimônio literário, incentivo ao hábito da leitura, e modernização do ensino e integração de novas tecnologias (Brasil, 2026).

Sob este viés, o Presidente Lula destacou a importância da leitura em seu post no Instagram³, dizendo “A leitura transforma. E agora está mais perto de todo mundo”. A plataforma foi recebida com entusiasmo pelo público, ainda no post de anúncio do Presidente, uma publicação de um usuário foi utilizada em uma colagem de comentários positivos, dizendo o seguinte: “Pra quem nunca foi à uma biblioteca pública, o MEC Livros funciona como uma”. Os meios tecnológicos são ferramentas notáveis na captação de interesse, principalmente, dos jovens, além da facilidade de acesso. Esse é um exemplo de como a tecnologia pode se tornar uma grande aliada na luta pela democratização da cultura e do conhecimento, entre parênteses, da democratização da leitura, de modo que permite que mais pessoas tenham acesso a recursos e oportunidades que antes eram limitados a poucos.

Já que, é através da leitura das histórias do mundo, e das reflexões obtidas, que nasce não apenas um novo olhar perante a realidade como também uma nova postura cidadã, emancipatória e questionadora. Em suma, esse programa visa Modernizar o ensino e promover a integração de novas tecnologias na educação; Difundir o patrimônio literário, permitindo que clássicos da literatura nacional e internacional alcancem um maior número de leitores; Incentivar o hábito da leitura e o interesse pelos livros por meio da democratização do acesso à leitura por meio da disponibilização gratuita de um acervo digital para a população em geral (Brasil, 2026).

Por meio dessa iniciativa há a compreensão de que a biblioteca já é entendida como um espaço vivo que ecoa as histórias do mundo e uma instituição privilegiada que busca desenvolver habilidades de processamento de informações para que seja possível avaliá-las, selecioná-las, e situá-las em relação à qualidade de vida e a realidade social, seu acervo

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DWxBNWwjmm1/?igsh=MXI2ZjI4ZDM3aGhoOQ==>. Acesso em: 05 de abr. 2026



precisa gerar nos leitores um entendimento crítico e criativo da realidade a qual ele está situado, já que ao ter acesso a folclores, lendas e outros tipos de produções literárias regionais é possível mantê-las vivas, partindo que seu legado ecoe pelo mundo.

Visto que, negar o acesso à leitura é negar o potencial criador e transformador que existe em cada pessoa. Quando uma pessoa lê o conhecimento não fica aprisionado somente dela: por meio do diálogo com familiares, amigos, professores e até mesmo em redes sociais o conteúdo dos livros vai chegando em outras esferas da sociedade, saindo das prateleiras da biblioteca escolar e alcançando o mundo. Porque, a biblioteca não pode mais ser percebida como lugar estático, como mero depósito de livros. Hoje ela pode e deve funcionar como espaço vivo, um espaço de troca de comunicação, de parcerias, de conexão e de democratização do acesso à cultura (Rosa 2018 *in* Macedo 2021, p. 67).

Este trabalho não vem com respostas mas sim, como uma busca pela reflexão, pela oportunidade de diálogo, e, principalmente, uma forma de trazer visibilidade sobre a realidade das salas de leitura e das bibliotecas no Brasil.

6. REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W., Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.
- BRASIL, INEP. Censo escolar da educação básica 2025: resumo técnico. Brasil, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/censo-escolar-da-educacao-basica-2025-resumo-tecnico> . Acesso em: 31 de mar. de 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Sobre o MEC Livros, 2026.
- CANDIDO, Antonio et al. O direito à literatura. **Vários escritos**, v. 3, p. 235-263, 1995.
- CASTILLO, Renata. El rol de la literatura en el aprendizaje y desarrollo de niños y adolescentes. **Biblioteca Digital Scribd**, v. 19, p. 16-18, 2013.
- COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2013.
- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Record, 2022.
- FERNANDEZ, C.; MACHADO, E; ROSA, E. C. O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores. Olinda: CCLF, Brasil, RNBC, 2018.
- FREIRE, Madalena. Educador, educa a dor. São Paulo: Paz e Terra, 2008.



- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Editora Paz e terra, 2022.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura do Brasil 6. Rio de Janeiro, 2024.
- KANT, Immanuel et al. Resposta à pergunta: que é esclarecimento. **Textos seletos**, v. 2, p. 100117, 1985.
- MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. A função da literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2021.
- Moran, C. (2012), “Alma mater”, in Gray, R. (Ed.), *The Library Book*, Profile Books, London, pp. 91-94.
- NUNES, Marília Forgearini; DE MELO, Camila Alves; DA SILVA, Carolina Medronha Figueira. Análise comparativa do Programa Nacional Biblioteca da Escola e do Programa Nacional do Livro Didático-PNLD Literário a partir da relação entre leitura e democracia cultural. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 20, p. 1-11, 2023.
- RADFORD, Gary P.; RADFORD, Marie L.; LINGEL, Jessica. The library as heterotopia: Michel Foucault and the experience of library space. *Journal of Documentation*, v. 71, n. 4, p. 733-751, 2015.
- VIANA, Nildo. Adorno: educação e emancipação. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, Brasília-DF**, v. 2, n. 04, p. 1-10, 2005.

